Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

O NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA:
Uma análise a partir de discursos de extrema-direita difundidos entre os séculos XX e XXI

HOLOCAUST NEGATIONISM AS A CONTEMPORARY POLITICAL STRATEGY:
An analysis based on far-right discourses spread between the 20th and 21st centuries

MARCOS EDUARDO MEINERZ[1]

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar o pensamento conspiratório contemporâneo e suas origens no negacionismo do Holocausto. Dentro dessa relação, busca-se compreender como o cenário político e midiático brasileiro tem sido caracterizado pelo avanço de indivíduos e grupos de extrema-direita que utilizam do negacionismo e do conspiracionismo como estratégia para promover suas agendas políticas, tratando de fatos históricos sem o rigor científico e metodológico necessários. Nesse sentido, a primeira parte do artigo é dedicada a analisar as diferentes manifestações negacionistas das últimas décadas e suas principais pautas. Na segunda parte, analisamos como ocorre a relação entre os fenômenos conspiracionista e negacionista. Do ponto de vista teórico-metodológico, apoiamo-nos na concepção do historiador Raoul Girardet que considera as conspirações enquanto um dos mitos políticos presentes no imaginário da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Negacionismo. Conspiração. Holocausto.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze contemporary conspiracy thinking and its origins in Holocaust denial. Within this relationship, we seek to understand how the Brazilian political and media scenario has been characterized by the advance of individuals and extreme right groups that use denialism and conspiracy as a strategy to promote their political agendas, dealing with historical facts without the rigor necessary scientific and methodological. In this sense, the first part of the article is dedicated to analyzing the different denialist manifestations of the last decades and their main guidelines. In the second part, we analyze how the

[1] Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR/PPGH). Professor substituto no curso de História da Universidade Estadual do Paraná - Campus Mourão. *E-mail*: markosmeinerz@gmail.com.

relationship between conspiracy and denial phenomena occurs. From a theoretical-methodological point of view, we base ourselves on the conception of historian Raoul Girardet, who considers conspiracies as one of the political myths present in the imagination of contemporary society.

Keywords: Denialism. Conspiracy. Holocaust.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o debate político e histórico no Brasil tem sido amplamente afetado pela proliferação de teorias conspiratórias e discursos negacionistas. Conforme apontado pelo historiador Arthur Lima de Avila (2019), tais movimentos não buscam apenas obter reconhecimento acadêmico, mas também almejam a hegemonia intelectual, visando exercer controle sobre como imaginamos o passado (AVILA, 2019, s/p). No bojo de movimentos internacionais, o cenário político e midiático brasileiro tem sido caracterizado pelo avanço de indivíduos e grupos de extrema-direita que utilizam o passado para promover suas agendas políticas sem o rigor científico e metodológico necessários. Como resultado, os historiadores estão progressivamente perdendo sua posição de fala e autoridade, sendo substituídos por charlatões como astrólogos, ocultistas, conspiracionistas e negacionistas.

Naturalmente, compreendemos que os historiadores não possuem o monopólio sobre o estudo do passado, porém, é necessário reiterar que os profissionais graduados portam ferramentas de análise essenciais para uma interpretação minimamente adequada sobre os fatos ocorridos: um sistema teórico, uma metodologia, um conhecimento histórico, uma racionalidade e uma interpretação baseada nos vestígios deixados pelos humanos.[2] Como preconiza Rüsen (2001) que, ao produzir afirmações sobre o passado humano, a Ciência Histórica se tornou a ciência mais competente para se refletir sobre o modo como a consciência histórica é produzida.

Não obstante, ultimamente identificamos várias tentativas de reconfiguração do passado da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), seja

[2] Tais elementos também são encontrados em outras ciências que estudam as ações humanas ao longo do tempo, cada qual com suas especificidades metodológicas, como: Arqueologia, Antropologia, Filosofia, Sociologia, Psicologia, entre outras.

por iniciativas de jornalistas como Leandro Narloch ou por empresas produtoras de documentários como o *Brasil Paralelo*. De acordo com Avila (2019, s/p), este último tenta minimizar a violência e a tortura do período ditatorial "(...) buscando reabilitá-lo enquanto um 'momento fundacional' da democracia brasileira, já que teria abortado uma 'revolução comunista' supostamente em curso durante o governo de João Goulart". Na apreciação de Avila (2019), o respectivo revisionismo do *Brasil Paralelo* se ancora na omissão de fatos e na distorção de registros históricos, movimentos que silenciam dados inconvenientes sobre Ditadura no Brasil:

> Ao fim, o que surge da leitura do passado que nos é oferecida pelo grupo empresarial [...] é uma "interpretação" higienizada e, a despeito das supostas intenções de imparcialidade de seus autores, manipulada ideologicamente para dar legitimidade aos atuais projetos políticos que governam o país – cujo Presidente da República é um ardoroso defensor do regime instaurado em 1964 (AVILA, 2019, s/p).

A utilização dos respectivos elementos de manipulação estratégica do passado nos permite concordar que tal "empreendimento acaba por refletir uma tentativa de reabilitação da própria ditadura civil-militar que equivale, ao menos como uma de suas possibilidades de entendimento, a uma operação negacionista" (AVILA, 2019). Uma evidência que reforça essa possibilidade é o fato de os negacionistas pretenderem produzir trabalhos "historiográficos" ou serem vistos como historiadores para tentar legitimar e divulgar suas propostas como portadoras de uma "nova versão dos fatos". Um exemplo dessa repaginação é o popular argumento de que o golpe militar de 1964, no Brasil, teria "salvado a democracia de uma suposta ditadura comunista".

Nos apropriando do conceito de negacionismo de forma mais abrangente, outro exemplo existente sobre a manipulação do passado brasileiro é o da negação ou minimização da escravidão africana. As produções do *Brasil Paralelo,* bem como o livro de Leandro Narloch, *Guia politicamente incorreto da História do Brasil* (2009), intentam minimizar e esvaziar as violências desse processo, negando, por exemplo, o seu legado contraproducente para as desigualdades sociais existentes no país nos dias de hoje (AVILA, 2019). Inclusive, em novembro de 2020, quando João Alberto Freitas, um homem negro

de 40 anos, foi espancado e morto por seguranças no estado do Rio Grande do Sul, o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, declarou em entrevista que "(...) no Brasil, não existe racismo", pois é o racismo seria uma "(...) coisa que querem importar para o Brasil, isso não existe aqui" (MAZUI, 2020). Esse fato evidencia a íntima relação dos revisionismos contemporâneos da História do Brasil com objetivos políticos de movimentos de extrema-direita.

Apesar de esse fenômeno ser mormente caracterizado como um sintoma do debate político atual, o conceito de negacionismo e suas implicações políticas remontam movimentos oriundos no século XX com a negação do Holocausto. Tradicionalmente, o "negacionismo" refere-se a pessoas e/ou organizações que minimizam e/ou negam o assassinato em escala industrial de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.[3] Segundo seus ideólogos, o evento não passaria de uma mentira criada por aqueles que venceram o conflito em aliança com os judeus sionistas fundadores do Estado de Israel, com o objetivo de conquistar vantagens econômicas. Nessas narrativas, os judeus são representados como "seres conspiratórios pertencentes a uma organização secreta diabólica" e o Holocausto é "apresentado como uma das maiores e inúmeras formas de o 'judaísmo internacional' lançar suas garras sobre o mundo, controlando as finanças, os meios de comunicação, a mídia e a civilização mundial" (NETO, 2009, p. 1118).

Cabe observar que, ao espalhar desinformações, o negacionismo do Holocausto (ou também o negacionismo da ditadura e da escravidão, bem como a negação da pandemia do Covid-19 e do aquecimento global) serve para acobertar interesses econômicos, políticos ou ideológicos de algum grupo radical, geralmente da extrema-direita, uma vez que ele se caracteriza a partir de discursos panfletários e sem rigor científico. Contudo, não são somente os

[3] Nesse artigo utilizamos o conceito de Holocausto apenas como referente ao extermínio de judeus em escala industrial durante a Segunda Guerra Mundial. Em geral, a historiografia utiliza o termo Holocausto para se referir ao genocídio dos judeus, especialmente depois da Conferência de Wansee, em janeiro de 1942. Usa-se o termo porque entende-se que o genocídio judeu tem particularidades, que o distinguem de outros genocídios. Nos últimos anos, com o avanço de alguns movimentos sociais (negros, LGBTQIA+, etc) tem havido alguma apropriação do termo. Entretanto, isso tem sido feito e aceito mais nos movimentos sociais do que na historiografia. Não se trata de hierarquizar e nem de diminuir os demais genocídios, mas de uma questão conceitual. Dessa forma, tal fator é uma disputa super complexa dentro dos debates historiográficos. Ainda há uma outra dimensão: até que ponto o judeu que morreu vítima da perseguição nazista em 1935 e não em uma câmara de gás ou gueto, em 1943, ele é vítima do Holocausto ou não.

negacionismos que se enquadram nesse pacote, pois pode-se incluir também as teorias conspiratórias que coexistem na atualidade, seja na "*cultura pop*" ou no cenário político: "Q'Anon", "Kit gay", "Terra Plana", "Homem não foi à lua", dentre outras.

Uma das últimas conspirações que foram propagadas no cenário internacional e amplamente anexadas no imaginário brasileiro foi a de que o vírus do Covid-19 teria sido "criado em laboratório pelos chineses a fim de a China se beneficiar economicamente com a crise". Nesse sentido, segundo os ideólogos da respectiva conspiração, o vírus teria sido criado e disseminado em escala global para estimular a queda do preço do petróleo e das ações de grandes empresas ao redor do mundo, além de facilitar a valorização do dólar, consequências que supostamente aumentariam o lucro dos chineses com a venda de títulos públicos americanos. Em postagem no *Facebook,* um internauta afirmou que "os chineses, depois de espalharem o terror e derreterem todas as bolsas de valores",

> baixarem o preço do petróleo, irão comprar mais barato. Meta batida como das outras vezes que lançaram outros vírus. Para quem não entendeu, EUA e China, entraram em guerra comercial. Surge um vírus na China que derruba a economia mundial e valorizando o dólar. China vende seus títulos do tesouro americano e estabiliza sua economia. Depois anuncia que o vírus já está quase controlado. Moral da história: "os poderosos criam dificuldades para vender facilidades". Funciona assim: Os chineses espalham um vírus que contamina o mundo. O mundo entra em pânico, as pessoas se trancam dentro de casa. As bolsas entram em crise. As ações da maioria das empresas caem. Os chineses cheios de grana, compram as ações das maiores empresas por preços baixos e passam a ser donos de todas elas.[4]

Não ao acaso, essa teoria teve ampla repercussão em setores políticos da sociedade brasileira, à exemplo de que o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, seus filhos e parte dos seus seguidores, todos vinculados à extrema-direita brasileira, compartilharam exaustivamente, em entrevistas e postagens

[4] A publicação pode ser visualizada em: https://www.facebook.com/1718013874967704/photos/a.1719227158179709/2208374699264950/?paipv=0&eav=AfbQQOT3ie-lQKu2Zj5Lsf9MYXhV6qnskKWP2bzalQCvMI0nqp6M1qPHS88LTSFkgPg. Acesso: 02/12/2022.

em redes sociais, o argumento de que “a pandemia estava ligada a um plano de recuperação econômica do governo chinês” (FARIA, 2020). Dentro de uma conjuntura maior, podemos reflexionar que o referido argumento conspiracionista está atrelado a questões mais profundas da sociedade ocidental como a evidente xenofobia contra chineses e asiáticos de modo mais amplo. No período de propagação desse discurso conspiratório, muitos indivíduos chineses ou descendentes denunciaram agressões sofridas: “(...) olha lá a chinesa saindo, sua chinesa porca, nojenta, fica aí espalhando doença para todos nós", declarou Marie Okabayashi, na rede social *Twitter*, com um vídeo da agressora, uma senhora com mais de setenta anos de idade. Okabayashi ainda ouviu que os chineses “contaminam tudo”, “roubam empregos do nosso povo” e “espalham doenças” (YAMAGUIT, 2020).

Fato é que tal teoria não possuía qualquer comprovação científica e foi rapidamente desqualificada por pesquisadores como Andrew Rambaut, professor de evolução molecular da Universidade de Edimburgo, e W. Ian Lipkin, professor de biologia evolucionária da Universidade de Sydney, em um artigo publicado na revista *Nature*. Segundo os autores, o vírus da COVID-19 foi resultado da seleção natural e não de uma manipulação proposital em laboratório (RAMBAUT, 2020). Apesar disso, depois de mais de um ano desde o início da pandemia, o Ministro da Economia do Brasil, Paulo Guedes, reafirmou no dia 27 de abril de 2021, que foram os chineses que inventaram o coronavírus, contrariando todos os estudos científicos produzidos até aquele momento (MARTELLO, 2021).

Dada a constatação dos negacionismos e conspiracionismos presentes no debate político e no próprio imaginário de milhões de pessoas, questionamos: o que fazer com os pseudodiscursos historiográficos que não, nem de longe, discursos de natureza científica? Ao entender desse estudo, longe de descartá-las ou desconsiderá-las, o historiador, sabiamente, deve analisar e investigar como essas diferentes narrativas manifestadas por meios de comunicação de massa, por instituições culturais e por agentes políticos, afetam o cotidiano e a realidade dos indivíduos. Nesse sentido, corroboramos com a afirmação de Pierre Vidal-Naquet de que devemos discutir sobre os negacionistas (e

conspiracionistas) analisando os seus textos como a "anatomia de uma mentira: podemos e devemos analisar o seu lugar específico na configuração das ideologias, questionar-nos sobre o porquê e como apareceram, mas não discutir com os 'revisionistas'" (VIDAL-NAQUET, 1988, p.10-11).

Isto posto, o objetivo desse artigo é analisar a íntima relação existente entre o pensamento conspiratório e o negacionismo do Holocausto, pois frequentemente o negacionismo vem acompanhado de uma teoria conspiratória. Nesse sentido, a primeira parte do artigo é dedicada a analisar as diferentes manifestações negacionistas das últimas décadas e suas principais pautas. Na segunda parte, analisamos como ocorre a relação entre os fenômenos conspiracionista e negacionista.

1. A NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO: BREVES APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Em outubro de 2020, Daniela Reinehr (sem partido) assumiu interinamente o governo do estado de Santa Catarina após o governador Carlos Moisés (PSL) ter sido afastado temporariamente do cargo enquanto seu processo de impeachment era julgado. Durante sua primeira coletiva de imprensa no cargo, Reinehr foi questionada sobre os posicionamentos neonazistas e negacionistas do Holocausto do seu pai, o professor de história Altair Reinehr. À época, o repórter Fábio Bispo, do *Intercept Brasil*, fez a seguinte pergunta:

> No começo da sua fala, a senhora agradeceu sua família. Seu pai, como professor de história, pregava em sala de aula o negacionismo do holocausto judeu, inclusive utilizando livros de uma editora que foi condenada por contar mentiras sobre a Segunda Guerra Mundial. Agora que a senhora é governadora de Santa Catarina, a gente quer saber qual é a sua posição, se a senhora corrobora com essas ideias neonazistas e negacionistas sobre o holocausto (DW, 2020).

Daniela Reinehr evitou responder diretamente à pergunta afirmando que cabia a ela, como filha, "(...) manter a relação familiar em harmonia, independente das diferenças de pensamento". O fato de tratar o pensamento do seu pai como mera "diferença", evitando condená-lo veementemente, levou

entidades como a Confederação Israelita do Brasil (CONIB) e a Associação Israelita Catarinense (AIC) a se manifestarem. Ambas pediram para que a governadora rechaçasse as ideias negacionistas do seu pai. Fernando Lottenberg e Sergio Iokilevitc, respectivamente, presidentes das instituições, declararam:

> A governadora deve, de forma veemente, manifestar sua repulsa ao negacionismo da tragédia que foi o Holocausto. É importante que ela se pronuncie sobre o assunto e demonstre de forma inequívoca sua rejeição às ideias que levaram ao extermínio de 6 milhões de judeus inocentes, além de outras minorias e adversários políticos e provocaram uma guerra que devastou a humanidade (CONIB, 2020).

Outras instituições que se manifestaram contra a declaração da governadora foram os Judeus pela Democracia e o Museu do Holocausto de Curitiba. Este último, por meio de sua página no *Facebook*, declarou que a governadora, ao tratar o Holocausto dessa maneira, como divergências que não podem ser publicamente condenadas em nome da manutenção da harmonia familiar, estaria compactuando com os objetivos dos negacionistas que consistem em compreender o "(...) nazismo como uma opção política como outras, com as quais podemos concordar ou discordar, e não como algo cuja condenação inequívoca é obrigação de qualquer ser humano, sobretudo de uma figura pública".[5]

Tal fato fez com que o passado de Altair Reinehr viesse à tona. Logo depois do ocorrido, portais de notícias como *Istoé* (SZABATURA, 2020), *O Globo* (CAETANO, 2020), *BBC News* (POTTER, 2020), *Deustch Welle* (2020), *Folha* (SPERB, 2020), *Uol* (KONCHINSKI, 2020), dentre outros, começaram a publicar reportagens sobre as suas ideias negacionistas. Os jornalistas rememoraram a trajetória do professor Reinehr, denotando que ele foi membro do CNPH (Centro Nacional de Pesquisas Históricas), o qual, durante as décadas de 1980 e 1990 buscava legitimar historicamente o negacionismo do Holocausto, tendo, inclusive, ano de 2005, publicado um artigo no jornal *A Notícia* da cidade de

[5] A nota do Museu do Holocausto de Curitiba pode ser visualizada em sua página do *Facebook*: https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba/posts/3493354397438439.?utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter-Conib-29-10-20. Acesso: 05/05/2021.

Joinville, Santa Catarina, em que negava o número de judeus mortos pela Alemanha nazista, tratando o Holocausto como uma mera lenda (POTTER, 2020).

Em 2011, Reinehr publicou outro artigo intitulado *Da casa do Papa à casa de* Adolf *Hitler,* no qual narra sua visita a cidade natal de Adolf Hitler, *Braunau am Inn*, na Áustria. Sobre o *Führer*, o professor afirmou que ele teve "(...) uma infância bastante infeliz, uma adolescência e juventude marcada por enormes dificuldades, sacrifícios de toda a ordem e notadamente incompreensões" (REINEHR, 2011). Reinehr ainda exaltou os feitos de Hitler à frente do governo alemão, dizendo que "(...) ele realizou algo inédito e até hoje não imitado [...], acabou com o problema do desemprego de 6 a 7 milhões de pessoas, revitalizou a indústria, moralizou os serviços públicos e transformou a Alemanha num canteiro de obras" (REINEHR, 2011). Reinehr termina o seu artigo afirmando que Hitler foi de um "estadista mais amado e popular do mundo" para "o estadista mais odiado", e que na Alemanha é proibido "FALAR BEM DE HITLER" (uma vez que não é permitido lembrar de suas "obras reconhecidamente positivas") e que nas escolas europeias não se ensina a conhecer o seu governo, nem o que era o Nacional-Socialismo, "mas ensina-se a odiar" (REINEHR, 2011).

Antes mesmo da publicação dos referidos artigos, no ano de 2000, Reinehr testemunhou a favor do negacionista Siegfried Ellwanger Castan, que acabou sendo condenado, à época, por racismo pelo Supremo Tribunal Federal. Castan era dono da editora *Revisão*, conhecida por publicar obras que negam o Holocausto, sendo, inclusive, autor de um dos mais famosos livros negacionistas do Brasil: *Holocausto: Judeu ou Alemão? Nos bastidores da mentira do século* (CASTAN, 1987). No site da editora, além do catálogo dos livros negacionistas distribuídos, podemos encontrar afirmações enfáticas como: "(...) a Comissão Especial da Cruz Vermelha Internacional não encontrou nenhuma evidência da existência de câmaras de gás em Auschwitz e Birkenau"; "(...) o mito do Holocausto justifica os bilhões de dólares que o Estado de Israel e sobreviventes têm recebido da Alemanha a título de reparação, sendo usado pelo grupo sionista para controlar a política exterior dos EUA em suas relações com Israel"; e que "(...) o diário de Anne Frank é uma farsa, pois ela teria morrido aos 22 e

não aos 14 anos", além dele ter sido escrito, segundo alega Castan, com uma caneta esferográfica, inventada vários anos depois da morte de Anne.

Tais afirmações não encontram respaldo historiográfico, uma vez que inúmeros trabalhos acadêmicos de historiadores, sociólogos ou de testemunhas diretas do Holocausto já comprovaram a existência do mesmo, como é o caso da obra *É isto um homem?* do italiano Primo Levy (1947), sobrevivente de Auschwitz, quem narra os horrores e atrocidades dos campos de concentração. Apesar de possuírem algumas divergências (como o exato número de mortes – na casa dos milhões -, sua suposta singularidade, se foi intencional ou funcional, etc.), os pesquisadores sérios não discutem, de forma alguma, a veracidade do Holocausto, porque tal ideia nunca esteve em pauta. Como afirma o historiador brasileiro Bruno Leal Pastor de Carvalho que "(...) examinando filmes, peças de teatro, livros didáticos, pesquisas historiográficas e documentários, o assassinato em massa de judeus durante a Segunda Guerra Mundial se tornou um dos grandes eventos do nosso tempo" (CARVALHO, 2019).

Independentemente de todas as evidências e estudos, exemplos de negacionismos do Holocausto cresceram nos últimos anos. Em maio de 2018, Ursula Haverbeck, mais conhecida como "vovó nazista", foi sentenciada na Alemanha a quase três anos de prisão, aos 89 anos de idade, por negar as atrocidades cometidas pela ditadura nazista. Ela afirmava que Auschwitz não era um centro de extermínio, mas apenas um campo de trabalho e que o Holocausto era a maior mentira da história (MENEGAT, 2018, p. 149). Segundo reportagem de Ana Carbajosa no portal *El País*, ela já era conhecida por ter escrito alguns artigos negacionistas para a revista alemã de extrema-direita *Stimme des Reiches* (Voz do Reich) e por ter sido viúva de Werner Georg, que em 1960 fundou o centro educacional de *extrema*-direita intitulado *Collegium Humanum,* na cidade de Vlotho (centro da Alemanha), considerado um ninho de negacionistas. O centro foi proibido de funcionar em 2008 pelo Ministério do Interior alemão devido ao fato dele negar repetidamente o Holocausto (CARBAJOSA, 2018).

Outro acontecimento que gerou protestos de organizações internacionais foi a condenação de dois historiadores-pesquisadores do Holocausto, em

fevereiro de 2021, pelo governo ultranacionalista da Polônia. O partido Lei e Justiça (PiS), que está no poder desde 2015, condenou Jan Graboski, professor da Universidade de Ottawa, e Barbara Engelking, diretora do Centro Polonês de Pesquisa do Holocausto, a retificarem um parágrafo do ensaio intitulado *Sem fim: o Destino dos Judeus na Polônia ocupada*. Não apenas ratificar, mas pedir desculpas por terem "manchado a memória" do ex-prefeito do povoado de Malinowo, noroeste da Polônia, Edward Malinowski.

Durante a Segunda Guerra Mundial, de acordo com os historiadores, Malinowski teria participado de um massacre local a judeus, além de ter entregue alguns deles a soldados nazistas. O processo foi aberto pela sobrinha do ex-prefeito, Filomena Leszczynska de 81 anos de idade, por considerar que a memória de seu tio havia sido difamada, pois, a "verdade" era que Malinowski havia ajudado os judeus e não o contrário. Contudo, de acordo com Graboski e Engelking, o depoimento de uma judia sobrevivente confirmou que Edward Malinowski foi, de fato, cúmplice de dezenas de mortes judias (DW, 2021).

Ambos historiadores, entidades e organizações internacionais alegaram que tal medida do governo polonês era contra a liberdade de pesquisa e que estariam fazendo isso com o objetivo de encobrir o papel de autoridades polonesas no genocídio contra os judeus durante a guerra. O memorial do Holocausto Yad Vashem, de Jerusalém, por exemplo, tratou as acusações como um ataque ao esforço de conseguir um quadro mais completo e equilibrado da história da Shoa, constituindo um grave ataque à pesquisa livre e aberta. Crítica muito relevante também foi feita por Deborah Lipstadt (historiadora, escritora e professora universitária, cuja temática de pesquisa se concentra em estudos sobre o judaísmo moderno e o Holocausto e sua negação) quando publicou em sua conta do *Twitter* que "(...) a Polônia se dedica a negar o Holocausto de forma suave. Não nega o genocídio. Só reescreve o papel de alguns poloneses nele [...] e castiga os historiadores que dizem a verdade" (ALTARES, 2021).

O fenômeno não é novo, uma vez que podemos traçar as suas origens históricas nos primeiros anos do pós-guerra, como um esforço da extrema-direita em minimizar a intensidade das atrocidades nazistas. Segundo Carvalho (2016), entre os representantes dessa "primeira fase" podemos destacar o fascista

francês Maurice Bardèche (1907-1998), quem sustentou a ideia na qual os judeus foram os verdadeiros responsáveis por começar a guerra e que os campos de concentração eram uma fraude; e o escritor francês Paul Rassinier (1906-1967), quem defendeu a ideia de que os sobreviventes do Holocausto exageraram em suas histórias, principalmente aqueles que falavam do comportamento dos guardas dos campos.

Na segunda fase, iniciada na década de 1970, papel especial coube a Robert Faurisson (1929-2018), professor de literatura da Universidade de Lyon, que negava a existência das câmaras de gás. É com Faurisson que o negacionismo se expandiu e se difundiu para países como os Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha, tornando-se mais popular entre grupos neonazistas e de extrema-direita (CARVALHO, 2016). Dentro dos Estados Unidos, o responsável por difundir sistematicamente a negação do Holocausto, o ódio aos judeus e as teorias conspiratórias do complô judaico internacional, foi o *Institute for Historical Review* (IHR) fundado em 1978.

Conforme o historiador Pierre Vidal-Naquet (1988), o negacionismo possui dois sentidos: primeiro, o de negar o caráter único do Holocausto judeu, qualificando-o como um efeito colateral da guerra ou um excesso cometido por poucos; e, segundo o de negar o assassinato em escala industrial como uma política sistemática do Estado Nazista. Os negacionistas também se utilizam de variadas estratégias para questionar a História Acadêmica sobre o tema e negar os crimes nazistas: nesse contexto, qualquer testemunho direto do Holocausto é uma mentira; qualquer documento antes da liberação dos campos é falso, ou é ignorado; qualquer documento nazista que forneça testemunho direto é ignorado se for escrito em linguagem direta; todo testemunho nazista levado a julgamento depois da guerra é considerado como tendo sido obtido por meio de tortura ou intimidação; e todo um arsenal pseudotécnico é mobilizado para mostrar a impossibilidade material das câmaras de gás (NAPOLITANO, 2021).

Contudo, podemos afirmar que o recrudescimento do discurso negacionista de extrema-direita nas últimas décadas, dentro e fora do Brasil, é resultado do *boom* da internet na vida cotidiana. É por meio dela que esses grupos disseminam seus discursos, coordenam suas atividades e financiam

seus gastos. Segundo Carvalho (2016), se antes tal discurso estava restrito a produtos impressos de pouco alcance, a internet possibilitou que ele atingisse um público muito maior, disponível a qualquer pessoa com acesso, em diferentes línguas e de forma gratuita por meio de sites, blogs, fóruns e redes sociais.

Esse fato é de extrema importância, pois nos dias atuais, a probabilidade de que as pessoas sejam apresentadas à temas históricos através da internet é muito grande. É necessário considerar que o material produzido por *youtubers*, blogueiros e teóricos conspiratórios, especificamente aqueles que não possuem compromisso com a verdade histórica, em razão de estratégias de marketing e edição estética, pode ter um alcance maior que a História ensinada nas salas de aula por professores graduados. O problema é que muitos dos pseudohistoriadores utilizam o passado de forma descontextualizada, para fins comerciais e, muitas vezes, políticos. Ao propagarem conspirações, senso-comum, sensacionalismo, estereótipos, ocultismo e negacionismos, esses meios ajudam a borrar os limites existentes entre o fato e a ficção, daquilo que um pesquisador cientificamente respaldado sabe ser verdadeiro sobre determinado evento do passado.

Podemos observar esse fenômeno no *Youtube*. De acordo com o historiador Odir Fontoura (2020), que analisa o impacto da plataforma no ensino da História, existem inúmeros vídeos que procuram questionar a legitimidade dos historiadores quando criticam a forma como a História tem sido "contada" nas escolas, nas universidades ou na academia como um todo. Geralmente, os vídeos se apresentam como "a História que seus professores nunca te ensinaram" e como produções que objetivam esclarecer uma "história" que, por vários motivos, seria oculta, mascarada ou conscientemente desvirtuada.

Soma-se a esse fato a crescente tendência dos últimos anos de discursos e publicações que tentam questionar a cientificidade da História, contrariando as análises da grande maioria dos historiadores, bem como os métodos de se interpretar o passado. Isso abre espaço para falsificações históricas de todo o tipo, como o negacionismo do Holocausto, que possuem pouquíssimo a ver com a pesquisa histórica séria. Podemos enquadrar como representante dessa tendência a obra do jornalista Leandro Narloch, citada anteriormente, *Guia*

politicamente incorreto da História do Brasil, no qual o autor afirma, por exemplo, que Zumbi dos Palmares mandava capturar escravos de fazendas vizinhas para que eles "(...) trabalhassem forçados no Quilombo dos Palmares. Também sequestrava mulheres, raras nas primeiras décadas do Brasil, e executava aqueles que quisessem fugir do quilombo" (NARLOCH, 2009, p. 80). De acordo com Arthur Lima de Avila, ao afirmar que ex-cativos possuíam escravos, Narloch tenta negar a perversidade e a ampla penetração da escravidão na sociedade brasileira, pois a escravidão seria um peso compartilhado, o que "(...) afastaria a possibilidade de se responsabilizar os colonizadores pela construção do sistema escravista e pelo tráfico de seres humanos, bem como a de se reconhecer os privilégios históricos daí advindos" (AVILA, 2019, s/p).

Outro negacionismo muito difundido ultimamente, merecedor de maior destaque devido aos objetivos desse artigo, é do "nazismo de esquerda". No dia 11 de agosto de 2017, na pequena cidade de Charlottesville, localizada no Estado norte-americano da Virgínia, um grupo de supremacistas brancos da extrema-direita protestaram depois que foi anunciada a retirada de uma estátua do general confederado Robert E. Lee de um parque municipal. Lee foi um militar que comandou as tropas dos Estados Confederados, a união de seis estados separatistas do Sul dos Estados Unidos, durante a Guerra Civil Americana entre 1861-1865. O objetivo do grupo era conquistar a independência para impedir, por exemplo, a abolição da escravidão na região, já que o Sul dos Estados Unidos utilizava esse tipo de mão de obra nos seus latifúndios voltados a abastecer o mercado externo.

O Sul perdeu, mesmo assim Lee tornou-se um símbolo, um herói, para os movimentos de extrema-direita e dos supremacistas brancos do país. Obviamente que a decisão de retirar a sua estátua foi considerada uma afronta para tais grupos, que decidiram protestar. Durante o ato, carregavam tochas (clara referência ao grupo racista *Ku Klux Klan*), armamentos pesados, símbolos nazistas, bandeiras dos Estados Confederados, faziam saudações nazistas e gritavam palavras de ordem contra negros, homossexuais, judeus e imigrantes. No dia seguinte, em resposta, grupos como o "*Black Lives Matter*" saíram às ruas para protestar contra esses supremacistas brancos de extrema-direita. A tensão

entre as partes acabou gerando um intenso confronto nas ruas de Charlottesville, resultando na morte de uma pessoa por atropelamento. Alex Filds Jr, simpatizante neonazista, jogou seu carro contra os manifestantes, matando Heather Heyer, de 32 anos, e ferindo outras dezenove pessoas.

Após os acontecimentos de Charlottesville, blogueiros e *youtubers* do Brasil (como os do Instituto Mises Brasil) inundaram seus canais com vídeos e textos explicando como o nazismo foi um regime político pertencente ao espectro da extrema-esquerda.[6] Tal teoria negacionista já havia aparecido no livro de Narloch, quando afirmou que o socialismo e o nacional-socialismo pertenciam ao mesmo campo político, a esquerda, sendo "gêmeos heterozigotos" ou "irmãos gêmeos que brigam" (NARLOCH, 2009). Contudo, a grande maioria desses estudos apresentam uma lógica argumentativa simplista, sem análise empírica aprofundada, não levando em conta certas condições históricas e, muito menos apresentando fontes, documentos ou bibliografias especializadas que baseiam as suas ideias. Quando muito, citam alguns autores periféricos e não historiadores, distorcendo também interpretações de pesquisadores sérios como Richard J. Evans (2010) que analisa e coloca o nazismo no espectro da extrema-direita e não da esquerda.

A explicação sempre é ancorada em algumas generalizações e falta de interpretação de conceitos, a saber: 1º) o nazismo é de esquerda por causa do nome Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. A lógica de tal argumento é a de que se possui socialismo no nome, logo é de esquerda. 2º) o nazismo é de esquerda por causa de um broche que contém a foice e o martelo. Ambas são símbolos históricos que representam respectivamente o trabalhador do campo e o trabalhador da cidade. Enquanto no socialismo tais símbolos fazem alusão a união dos trabalhadores (com a foice e o martelo cruzados), no broche nazista (criado para comemorar o dia do trabalho, "*Tag Der Arbeit*", em 1934), os símbolos, separados pela águia do partido de Hitler, significam a negação da luta de classes. 3º) o nazismo é de esquerda por causa do "Estado Máximo". Ou seja: a ideia na qual um partido de esquerda sempre prega o

[6] Podemos analisar os argumentos negacionistas do "nazismo de esquerda" no artigo, sem autor, publicado pelo site "Mises Brasil", "Por que o nazismo era socialismo e por que o socialismo é totalitário" (REISMAN, 2014).

"Estado Máximo", enquanto a direita sempre é adepta ao "Estado Mínimo". Uma clara falta de conhecimento histórico dos conceitos de direita e esquerda, visto que ambos já foram adeptos ou implementaram os "estados" máximo e mínimo (ou até mesmo a sua inexistência, como o caso do anarquismo) em algum momento da História (BOBBIO, 1998).

Pode-se considerar esse fenômeno como um negacionismo, pois quando seus ideólogos não conseguem mais negar o Holocausto - ou seja, que de fato ele ocorreu -, a extrema-direita o coloca no "colo" da esquerda. A consequência disso é que se estabelece uma diferença entre a perspectiva fascista da Europa e a perspectiva nazista da Alemanha: o nazismo produziu o Holocausto e ele é de esquerda, já o fascismo não. Nessa perspectiva, a extrema-direita fascista fica livre para recuperar suas esperanças perdidas no pós-guerra e tornar seus projetos políticos aceitáveis socialmente.

Como esses grupos são muito atuantes na internet, eles acabam induzindo várias pessoas no entusiasmo de afirmarem que Holocausto não existiu e que o nazismo é de esquerda. De acordo com Carvalho (2019), tais grupos são poderosos por terem mais recursos, serem mais organizados, fazendo da negação um empreendimento sistemático. Produzem artigos, publicam livros, fazem palestras, eventos e fundam instituições com o objetivo de produzir discursos voltados para o grande público. A principal armadilha argumentativa dos negacionistas é reivindicar que utilizam os procedimentos metodológicos de análise semelhantes aos dos historiadores. Querem ser vistos como eles, tanto que se proclamam "revisionistas". Entretanto, esse material não é uma revisão, mas sim uma falsificação, por deturpar a operação historiográfica: fontes, metodologia, controle dos pares, escrita ética, debate historiográfico, reconhecimento acadêmico e, principalmente, verdade histórica. "Há materiais negacionistas que até usam documentos. Mas é justamente nesses casos em que a mentira e falta de ética fica mais escancarada, pois tais documentos são utilizados de maneira distorcida ou fora de contexto (CARVALHO, 2019, s/p).

Entretanto, a explicação de negar o Holocausto para tentar tornar as ideias fascistas novamente toleráveis, não é a única. A negação pode ter relação com o racismo, xenofobia, crenças religiosas e, o mais importante para esse

texto (ao menos como uma de suas possibilidades de entendimento), como uma operação conspiratória.

2. O NEGACIONISMO E O CONSPIRACIONISMO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA NA ATUALIDADE

De acordo com Ricardo Castro (2014), desde a década de 1970, grupos de extrema-direita fortalecem teorias conspiratórias como chave explicativa para se entender a sociedade. Fato exacerbado depois dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas do *World Trade Center* e da expansão e popularização da internet. Nos Estados Unidos, por exemplo, desde 2017 a teoria conspiratória do *QAnon* é amplamente divulgada por setores da extrema-direita. Nessa teoria, Hillary Clinton, Barack Obama, Tom Hanks, Bill Gates, George Soros, Papa Francisco, astros de Hollywood, *youtubers* e membros do Partido Democrata dos Estados Unidos seriam "adoradores de Satanás", "bebedores de sangue de recém-nascidos" (para conseguirem juventude eterna) e teriam uma "rede de pedofilia mundial". Ainda nessa teoria, o messias salvador do mundo contra os *QAnon* seria o próprio Donald Trump (FANJUL, 2021).

É importante analisar essa teoria, pois ela revela algumas características centrais do pensamento conspiratório. Geralmente, as conspirações apresentam uma explicação diferente sobre algum acontecimento histórico com o objetivo de desmentir a versão acadêmica e desmascarar as intenções maléficas e ocultas de certos grupos e/ou indivíduos. Os adeptos dessas crenças pensam que a sociedade é controlada por poderosas forças ocultas e demoníacas, em que os conspiradores são capazes de influenciar os acontecimentos históricos ou o funcionamento de toda a vida social. De acordo com o cientista político estadunidense Michael Barkun (2003), os crentes nessas teorias têm uma visão de mundo maniqueísta, uma vez que compreendem o mundo como uma luta mítica entre a luz e as trevas, entre os reinos do bem e do mal, e acham que esta polarização persistirá até o final da história quando o mal finalmente será derrotado.

Outra característica importantíssima das teorias conspiratórias diz respeito ao fato delas serem ferramentas utilizadas por certos grupos e líderes

políticos para mobilizar uma massa de seguidores ou para justificar a perseguição a determinados grupos. Uma das consequências da utilização política das conspirações é a formação de um ambiente em que o racismo, o fanatismo, o antissemitismo e outras formas de preconceito e opressão podem florescer (BARKUN, 2003).

Podemos identificar esses atributos na teoria do *QAnon*: a tentativa de desmascarar as intenções maléficas de um grupo; a compreensão da vida como uma luta mítica entre o bem e o mal, sendo eles os representantes do bem; e, talvez a mais importante, a sua utilização para angariar uma massa de seguidores para Trump e outros políticos, como a republicana Marjorie Taylor Greene que conseguiu, em 2020, uma vaga de deputada federal pelo Estado da Geórgia, utilizando essa teoria como propaganda política (BBC NEWS, 2020).

Contudo, um dos melhores exemplos da utilização de teorias conspiratórias para recrutar seguidores e perseguir adversários foi feita pelos nazistas por meio do livro *Protocolos dos Sábios do Sião*. De acordo com o historiador italiano Carlo Ginzburg (2007), a obra foi produzida pela polícia secreta do Czar Nicolau II (Okhrana) em 1903, para desqualificar os seus oponentes políticos. *Os Protocolos* pretendiam ser atas de um suposto congresso secreto realizado por um grupo de conspiradores judeus que planejavam uma infiltração em todos os níveis da sociedade (na economia, na imprensa, nas forças armadas, nos partidos políticos, etc.), com o objetivo de implantar uma monarquia judaica que dominaria o mundo.

A obra ganhou destaque internacional depois da Revolução Bolchevique de outubro de 1917, apresentada por parte da imprensa reacionária mundial como resultado de uma real conspiração judaica do mal, como estava previsto nos *Protocolos.* Em 1919, ela foi traduzida para o alemão e saudada como um documento importante, portanto, digno de fé, com comentários dando ênfase especial à “Conspiração Sionista” que supostamente ameaçava as monarquias e as igrejas cristãs. Contudo, Philip Graves, correspondente do jornal *Times* em Istambul à época, escreveu três artigos demonstrando que os *Protocolos* eram uma falsificação, dado que muitas passagens eram cópias de trechos de um livro esquecido, publicado meio século antes, em 1864: *Diálogo no inferno entre*

Maquiavel e Montesquieu, do francês Maurice Joly. Nesse livro, Joly faz duras críticas ao governo de Napoleão III (inclusive foi processado e condenado a quinze meses de prisão por ter escrito "frases sediciosas e ofensivas" contra o imperador). Isso não impediu que a obra continuasse a se disseminar pela Europa em países como Inglaterra, Espanha, França, Portugal, e, consequentemente, para o restante do mundo. A ideia recorrente era de que a democracia, o comunismo e o comércio internacional estariam sob o controle dos judeus, que haviam "infectado" todos os governos, todo o comércio, todas as artes e toda a mídia mundial (GINZBURG, 2007).

Na História, o uso mais importante dessa teoria conspiratória se deu por meio de Hitler e dos nazistas. *Os Protocolos* forneceram a eles a imagem de um inimigo nacional em comum, um inimigo demoníaco. O antissemitismo nazista apoiava-se nessa demonologia apocalíptica que culpava os judeus por todos os males do mundo, incluindo o liberalismo, o comunismo, a corrupção da moral e a derrocada do mundo tradicional. Hitler acreditava na veracidade dos Protocolos, sendo a base principal do seu antissemitismo, e usava-o para manipular a mídia, subverter as instituições do Estado e implantar sua própria conspiração para tentar governar o mundo (GINZBURG, 2007).

É importante ressaltar que a obra continua a ser reeditada em várias línguas e ainda é utilizada por grupos de extrema-direita como uma prova cabal da existência de uma conspiração judaica internacional atual. Nesse sentido, de acordo com Castro (2014) a negação do Holocausto é "o outro lado da moeda do complô judaico internacional difundido desde o início do século XX pelo livro". Ao afirmarem que o assassinato em escala industrial e sistemático de milhões de Judeus durante a Segunda Guerra Mundial foi uma mentira criada pelos vencedores do conflito em união com os judeus fundadores do Estado de Israel, com o objetivo de enriquecimento dos mesmos por meio de indenizações, temos a formação de uma visão conspiratória da realidade que nega as evidências concretas da existência do Holocausto, como os depoimentos dos sobreviventes.

Os negacionistas acreditam que o campo de concentração de Auschwitz, no Sul da Polônia, era "apenas" para prisioneiros e que as câmaras de gás

utilizadas para matar os judeus eram, na verdade, “câmaras de desinfecção” ou “abrigos antiaéreos”. Dessa forma, o Holocausto seria um “mito fabricado”, uma vez que os documentos existentes teriam sido falsificados no final do conflito pelos judeus e espalhados por toda a Europa. Isso leva a não acreditarem nos depoimentos de testemunhas, principalmente de militares ou membros do governo nazista, já que essas pessoas teriam confirmado existência dos campos de extermínio devido a fortes torturas e ameaça de morte e, por isso, os seus depoimentos devem ser ignorados. Contudo, Lipstadt (2018) afirma que muitas confissões da existência do Holocausto foram feitas depois que os nazistas criminosos já haviam sido condenados à morte. Mesmo assim, os negacionistas acreditam que estas “confissões pós-condenação refletem a ‘enxurrada de propaganda’ a que foram submetidas essas ‘vítimas do engano’” (LIPSTADT, 2018).

Hitler usou a teoria conspiratória dos *Protocolos* para angariar adeptos, assim como a extrema-direita fascista dos dias atuais nega a existência do Holocausto *com* o mesmo objetivo. Ou seja, tal conspiração tem por objetivo dar coesão ao grupo, reforçar a imagem do inimigo demoníaco, ao mesmo tempo em que tenta fortalecer um novo projeto fascista. Isso é materializado no “complô judaico internacional” atual, ou seja: a farsa do Holocausto (CASTRO, 2014).

Por esses motivos, é importante constatar que as teorias conspiratórias possuem implicações na realidade, por mais excêntricas ou “sem sentido” que possam parecer. Elas são sinônimos de atritos sociais, pois corroem o debate público e político e prejudicam a capacidade de diálogo dentro da sociedade, transformando adversários em inimigos. Se o adversário conspira, as ferramentas da democracia não funcionam, possibilitando a formação de um crescente discurso de ódio e intolerância (BERLET, 2009).

Podemos observar o potencial que as teorias conspiratórias possuem de destruir democracias no dia 6 de janeiro de 2021, em Washington, quando o Capitólio (Congresso dos Estados Unidos) foi invadido por muitos fanáticos crentes do *QAnon*. A invasão ficou marcada pelo ativista de extrema-direita Jake Angeli, apoiador de Trump e do movimento *QAnon*, que estava vestido de calça bege, um cocar de pele de urso, chifres, pintura facial branca, vermelha e azul e

portando uma lança com a bandeira dos Estados Unidos.

No bestiário conspiratório, os judeus (e qualquer outro conspirador) são representados como seres que se infiltram, rastejam, escondem-se, são portadores da sujeira e da infecção, assim como o rato, a sanguessuga e o polvo. Envoltos em vestimentas sombrias, os judeus operam a noite, subterraneamente, clandestinamente, infiltrando-se e controlando todos os meios tradicionais de comunicação e saber, possuindo a habilidade suprema da manipulação, com suas tropas invisíveis presentes em todas as partes. Praticam a corrupção, a depreciação dos costumes, a desagregação das tradições sociais e dos valores morais. Nessa lógica conspiratória, a negação do Holocausto corresponde a um esforço de combater a inesgotável vontade de poder dos Judeus que querem retomar o sonho eterno da construção de um Império em escala universal, da unificação do globo sob a sua total autoridade.

Segundo a lógica das teorias da conspiração, os defensores do negacionismo do Holocausto rejeitam qualquer análise proposta por historiadores, sociólogos, cientistas políticos, entre outros, acusando-os de estarem a serviço dos judeus. Compreendendo o mundo como sendo um palco da luta eterna entre o império do bem contra o império do mal, os negacionistas se consideram como soldados das forças do bem por denunciarem o complô judaico de dominação mundial que estaria sendo ocultado pela “grande mentira do século”, ou seja, o Holocausto. Portanto, quando culpam os nazistas pelo crime de genocídio, os judeus estariam colocando em prática seu projeto de hegemonia.

Mas, não é só isso. Essas versões da realidade acreditam que os professores, escolas e universidades fazem parte da conspiração por esconderem ou ocultarem o “conhecimento verdadeiro”. Barkun (2003) explica que isso acontece porque as teorias da conspiração geralmente contestam a versão oficial de um acontecimento do passado ou atual, criando explicações fantasiosas e/ou atribuindo-lhes outro significado e interpretação. Por isso, seus criadores e adeptos observam com ceticismo, desprezo e desconfiança algumas explicações dadas pelas universidades, escolas, intelectuais e os principais meios de comunicação, pois a conspiração parece ser tão poderosa que controla

praticamente todos os meios através das quais as informações são disseminadas. Nesse contexto, todos esses meios são ferramentas usadas pelos conspiradores a fim de iludir, falsificar, controlar e encobrir a verdade da população, promovendo uma verdadeira lavagem cerebral coletiva.

Esses fatores auxiliam a compreender, em parte, a escolha por conhecimentos que são contrários aos fatos normalmente aceitos como a "verdade" do passado. Por isso, os negacionistas procuram na internet (canais do *Youtube*, Blogs, Sites, Fóruns, comunidades do *Facebook*) as informações que confirmam as suas convicções, em um sistema de autoconfirmação ou retroalimentação. Essa retroalimentação acaba tendo, como efeito, a repetição modal das mesmas narrativas e discursos, produzindo uma espécie de pseudoconfirmação que induz os leitores e ouvintes a acreditarem naquilo que estão lendo ou ouvindo pelo menos que seja passível ou plausível de se acreditar. Ora, "uma mentira repetida mil vezes, torna-se verdade", para citarmos a frase muito utilizada pelo ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels.

Para o historiador estadunidense Richard Hofstadter (1964), a literatura conspiratória tem a pretensão de ser racional e empiricamente relevante. Ou seja, a fim de fundamentar e sustentar as suas afirmações, como o negacionismo de algum evento histórico, tentam elaborar, acumular e retroalimentar evidências tangíveis. Nesse sentido, os ideólogos imitam a metodologia de citação de fontes e a apresentação de evidências encontradas em estudos científicos, porém, são nesses casos que a mentira e a falta de qualquer ética fica evidente, como afirmou Carvalho (2019), pois tais documentos são usados de maneira distorcida ou fora de contexto.

A utilização do *Relatório Leuchter* é um exemplo dessa autoconfirmação e tentativa de apresentar evidências científicas. Os negacionistas o utilizam em suas produções como prova cabal da inexistência do Holocausto, pois supostamente "apresenta análises e resultados científicos" que comprovariam a inexistência das câmaras de gás nos campos de extermínio de Majdanek e Auschiwitz. De acordo com o filósofo Wallace Brito (2020), o relatório foi encomendado e financiado por Ernst Zündel (1939-2017), um famoso negacionista alemão radicado no Canadá, quem publicou sua tese da farsa do

Holocausto no livro de 1977, *The Hitler We Loved and Why* (2004), sob o pseudônimo de "Chritof Friedrich". Para sustentar a sua afirmação, Zündel contratou Fred Leuchter Jr., dono de uma empresa que confeccionava injeções letais à época, para investigar os campos de concentração nazistas.

Sem ter formação na biologia, química ou toxicologia, áreas essenciais para a realização de uma análise como a pretendida, Leuchter retirou clandestinamente (sem qualquer método científico) supostos pedaços de concreto das paredes das câmaras de gás (local onde os judeus eram asfixiados) e de dedetização (local que servia para desinfetar objetos e controlar a praga de piolhos), de Auschwitz. Já em território estadunidense, ele fez alguns testes para identificar a presença de gases tóxicos nos pedaços de ambas as salas e concluiu que só teriam morrido "piolhos" no local. Segundo Leuchter a concentração do gás "Zyklon B" nas paredes das câmaras apresentavam níveis baixíssimos do gás se comparado com a concentração nas salas de dedetização.

Contudo, o relatório possui inúmeros erros metodológicos e científicos, como apontou o estudo do químico Richard Green (1998) e da historiadora Deborah Lipstadt (2017). Esses pesquisadores explicaram que, com a derrota iminente, os nazistas destruíram as câmaras de gás para tentar ocultar o que havia acontecido no local. Devido ao fato de os escombros terem ficado expostos às variações climáticas e de que o cianeto é solúvel em água, é deduzível que a "(...) quantidade de gás encontrada em suas paredes fosse menor que a quantidade das câmaras de dedetização, que por sua vez, não foram destruídas ou expostas às adversidades climáticas" (BRITO, 2020). A quantidade de gás nas câmaras também não se sustenta, uma vez que é preciso de mais cianeto para matar pragas do que humanos. Além disso, como as pessoas eram amontoadas em uma sala com pouco espaço, era necessário menos quantidade de gás tóxico para as execuções.

O *Relatório Leuchter* passou longe de qualquer rigor científico de verdade, mas até hoje ele engana muita gente. No Brasil, foi Castan, fundador da editora negacionista *Revisão* (citado anteriormente), que o publicou. Internacionalmente, um caso que teve grande destaque foi a do escritor inglês

David Irving que, impactado pelo relatório, publicou uma edição do seu livro *Hitler's War* (1977) eliminando as palavras Holocausto e câmara de gás (que viraram "rumores infundados sem comprovação", um mito). Para ele, nenhuma pessoa foi executada nos campos de extermínio nazistas e o Holocausto nunca aconteceu.

Esses são apenas dois exemplos do sistema de retroalimentação ou autoconfirmação das teorias conspiratórias da negação do Holocausto. Seus propagadores encontram na internet o meio ideal para a sua circulação, sendo que quanto mais pessoas são expostas a uma determinada ideia, maior a probabilidade de que a aceitem como verdadeira e a incorporem em suas visões de mundo. Esses exemplos também demonstram algumas estratégias negacionistas: a apropriação distorcida e seletiva de teses historiográficas; destaque para casos particulares e excepcionais do passado que se transformam em regras para mostrar como teses acadêmicas são falsas; utilização de fontes primárias, sem a devida contextualização ou crítica; exposição linear dos fatos e processos; e análises do passado que partem de um olhar ideológico ou moral, mas ocultado, adequando a "(...) argumentação para comprová-las (portanto, procedimento inverso do trabalho historiográfico, no qual o ideológico e o valorativo estão explicitados e devem estar limitados às perguntas colocadas e não às respostas obtidas)" (NAPOLITANO, 2021, p. 102).

Para finalizar, é preciso destacar que as conspirações são reflexos de um tipo de mentalidade que surge em momentos de intensa crise social e desnorteamento coletivo, como um sintoma de caos social. Essa característica também é muito importante. A denúncia de um complô é historicamente mais comum em contextos de agitação ou mudança social. Conforme Girardet (1987) elas surgem quando a sociedade está sofrendo um clima psicológico e social de incerteza, insegurança, de temor ou de angústia. Ou seja, são nos "períodos críticos" da sociedade que os mitos se afirmam e aparecem com maior clareza, impõem-se com mais intensidade e exercem com mais violência seu poder de atração. Nesses momentos, as conspirações podem surgir entre grupos que acreditam estar em desvantagem política ou social em comparação a outros grupos considerados socialmente superiores ou privilegiados.

Entretanto, não são apenas as conspirações que se fortalecem em períodos de crise. Historicamente, a extrema-direita fascista, criadora e propagadora de várias teorias conspiratórias com o objetivo de angariar adeptos ou perseguir determinado grupo, também se fortalece em tempos de crise econômica e política, quando a população se encontra desacreditada com os rumos que a sociedade está tomando. São nesses períodos que a raiva, o ódio, a violência e as teorias conspiratórias recaem sobre um determinado grupo.[7] Por exemplo, devido à crise econômica e migratória que atingiu vários países da Europa nos últimos anos, tivemos um recrudescimento da extrema-direita que promoveu os imigrantes asiáticos e africanos como os bodes expiatórios dos seus vários problemas econômicos e de tudo aquilo que não está indo bem. Sem espanto, surgiram teorias conspiratórias sobre eles.

O *Plano de Kalergi* é uma dessas teorias. Criada para atacar a União Europeia e impulsionada por líderes da extrema-direita como Matteo Salvini da Itália e Marine Le Pen da França, a teoria afirma que elites políticas e econômicas internacionais estão importando milhões de trabalhadores da Ásia e da África para misturá-los com as "raças europeias". O plano seria criar um humano híbrido mais fraco e de fácil manipulação para aumentar a disponibilidade de mão de obra barata e acabar com a "raça branca". De acordo com reportagem do jornalista Angelo Attanasio (2018), do portal *BBC News*, Salvini acusou inúmeras vezes a União Europeia de ser a difusora de uma "limpeza étnica" na Itália, elegendo até mesmo o magnata George Soros como um dos personagens por trás da conspiração, pois, segundo Salvini, ele quer encher o continente de imigrantes "porque gosta de escravos".

Mesmo que a teoria não tenha fundamentos, ela foi difundida rapidamente durante a crise econômica e migratória que atingiu o continente a partir da década de 2010, principalmente pelos partidos de extrema-direita que preconizam uma política migratória restritiva, como: a Liga Norte na Itália, o Reagrupamento Nacional na França, o UKIP do Reino Unido e a União Cívica Húngara do Primeiro-Ministro Viktor Orban. Com uma ideologia fechada, nacionalista e contra a imigração (vista como perniciosa por degenerar os

[7] Sobre o fascismo, ver: PAXTON, R. O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

costumes e tradições), tais partidos utilizam a conspiração Kalergi para fins propagandístico, ou seja, querem recrutar adeptos para aprovar leis que restringem a entrada de estrangeiros ou refugiados em seus países. Assim, tentam criar um ambiente de tensão, perigo e "guerra permanente" contra os "invasores estrangeiros" que querem destruir a "raça europeia".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extrema-direita tem ganhado força em vários países do mundo, como na Itália, Brasil e Estados Unidos, devido à crise econômica e migratória dos últimos anos. E, como analisamos ao longo deste texto, uma das suas características ideológicas mais notáveis é a promoção de teorias conspiratórias e negacionistas. Para angariar adeptos, perseguir determinados grupos e aprovar projetos políticos, criam, fomentam e difundem inúmeras teorias conspiratórias, principalmente envolvendo os judeus (como a *Teoria de Kalergi*). Nesse contexto, esses grupos fortalecem a conspiração que nega a existência do Holocausto, uma vez que necessitam tornar as ideias fascistas novamente toleráveis. Como afirma Carvalho (2019), aqueles que negam o Holocausto ferem todos que morreram durante a Segunda Guerra Mundial e todos aqueles que sobreviveram para contar as suas experiências, histórias e dores. Portanto, repelir o negacionismo "é um ato em defesa da história, do conhecimento e, principalmente, dos direitos humanos, pois o Holocausto é um evento chave para se compreender diferentes violências e violações da dignidade humana" (CARVALHO, 2019).

Dessa forma, surge o questionamento: podemos interpretar que o Holocausto não começou quando as câmaras de gás de Auschwitz (ou de outro campo de concentração) mataram os primeiros judeus, mas sim quando as teorias conspiratórias fizeram o povo acreditar que eles eram seres malignos e/ou animais passíveis de extermínio? Talvez não haja uma única e clara resposta para essa questão, mas precisamos ficar atentos e levar em consideração a grande permeabilidade e a influência que as teorias conspiratórias possuem no corpo social e político. Cabe ao historiador analisar como esses discursos manifestados pelos meios de comunicação de massa, por

instituições culturais e por atores políticos, afetam o cotidiano dos indivíduos, influenciando-os a tomar atitudes radicais em suas realidades.

Enquanto pesquisadores-historiadores, precisamos analisar as teorias conspiratórias, por mais absurdas que possam parecer, de maneira séria, racional e científica, pois não devemos considerá-las apenas como uma manifestação de irracionalidade ou ignorância. Podemos analisá-las também como uma expressão desaventurada (no sentido hegeliano) de uma vontade de saber, uma vez que os crentes nessas ideias, longe de consagrar o obscurantismo, agem, na realidade, com base em um conhecimento "verdadeiro" que acreditam possuir. Esse ponto foi muito bem analisado por Jaques Rancière em um artigo sobre o fim da presidência de Donald Trump e os eventos ocorridos no dia 06 de janeiro de 2021 em Washington, quando negacionistas e conspiracionistas do *Q'Anon* invadiram o Capitólio. Para Rancière (2021), aqueles que rejeitam os fatos não o fazem por estupidez, mas sim para mostrar que são inteligentes. São pessoas que "querem que seja assim, desejosas de ver, pensar, sentir e viver na comunidade sensível que essas palavras tecem" (RANCIÈRE, 2021).

Negacionismos e conspiracionismos, provavelmente, sempre existirão e sempre voltarão à tona com maior força de atração em tempos de crise social, assim como a contestação sobre cientificidade da história e do papel do historiador como cientista do passado. Isso já aconteceu e acontecerá novamente. Cabe ao historiador compreender as questões de seu próprio tempo para produzir um conhecimento histórico responsável, ético e crítico, difundindo-o de maneira cada vez mais atrativa para um amplo público não especializado. Assim, quem sabe, podemos evitar que as pessoas sejam informadas ou formem sua consciência histórica baseada em negacionismos e conspiracionismos de todo o tipo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTARES, Guillermo. Governo ultranacionalista da Polônia aperta o cerco contra os historiadores do Holocausto. In: **El País.** Disponível em: https://cutt.ly/ObWi7Zw. Publicado em: 11 fev. 2021. Acesso: 05/05/2021.

ATTANASIO, Angelo. O que é o 'plano de Kalergi', a teoria da conspiração que partidos de extrema direita usam contra a União Europeia. In: **BBC NEWS**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-46017467. Publicado em: 4 nov. 2018. Acesso: 04/05/2021.

AVILA, Arthur de Lima. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/. Publicado em: 29 abr. 2019. Acesso: 05/05/2021.

BARKUN, Michael. **A culture of Conspiracy**: Apocalyptic Visions in Contemporary America. London: University of California Press, 2003.

BBC NEWS. **Quem é Marjorie Taylor Greene, republicana cuja eleição leva grupo QAnon ao Congresso dos EUA**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/11/04/marjorie-taylor-greene-republicana-cuja-eleicao-leva-grupo-qanon-ao-congresso-dos-eua.htm. Publicado em: 04 nov. 2020. Acesso: 02/12/2022.

BERLET, Chip. **Toxic to Democracy:** Conspiracy Theories, Demonization, & Scapegoating. Somerville, EUA: Political Research Associates, 2009.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRITO, Wallace Guilherme Soares. Historiografia e Negação do Holocausto: o caso Lipstadt vs. Irving. In: **Primordium**, Uberlândia, v. 5, n. 10, p. X-X, jul./dez. 2020.

CAETANO, Guilherme. Associações judaicas criticam governadora de SC por não dizer se concorda com ideias nazistas relacionadas ao pai. In: **O Globo.** Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/associacoes-judaicas-criticam-governadora-de-sc-por-nao-dizer-se-concorda-com-ideias-nazistas-relacionadas-ao-pai-24717301. Publicado em: 28 out. 2020. Acesso: 02/12/2022.

CARBAJOSA, Ana. 'Vovó nazista' condenada por negar o Holocausto vai para a prisão. In: **El País**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/07/internacional/1525712897_322840.html. Publicado em: 08/05/2018. Acesso: 05/05/2021

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Por que há pessoas que negam o Holocausto? (Artigo). In: **Café História – história feita com cliques.** Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/por-que-negam-o-holocausto/.Publicado em: 30 dez. 2019. ISSN: 2674-5917. Acesso: 05/05/2021.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. O negacionismo do Holocausto na internet: o caso da "Metapédia – a enciclopédia al-ternativa". In: **FACES DA HISTÓRIA**, Assis-SP, v.3, nº 1, p. 5-23, jan.-jun., 2016.

CASTAN, S. E. **Holocausto Judeu ou Alemão**: Nos bastidores da mentira do século. Porto Alegre: Revisão, 1987.

CASTRO. Ricardo Figueiredo. Negacionismo do Holocausto. In: **Café História – história feita em cliques.** Disponível em:

https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-do-holocausto/. Publicado em: 7

out. 2014. Acesso em: 05/05/2021.

CASTRO, Ricardo Figueiredo. O Negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. **Resgate-Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 22, n. 28, p. 5-12, 2014.

CONIB. Conib e Associação Israelita Catarinense conclamam governadora a rechaçar as ideias negacionistas de seu pai. In: **CONIB.** Disponível em: https://www.conib.org.br/noticias/todas-as-noticias/conib-e-associacao-israelita-catarinense-conclamam-governadora-a-rechacar-as-ideias-negacionistas-de-seu-pai.html. Publicado em: 28 out. 2020. Acesso: 02/12/2022.

DW. **Governadora de Santa Catarina evita condenar o nazismo**. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/governadora-de-santa-catarina-evita-condenar-o-nazismo/a-55428269. Publicado em: 28 out. 2020. Acesso: 02/12/2022.

DW. **Autores condenados a se desculpar por livro sobre Holocausto.** Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/autores-condenados-a-se-desculpar-por-livro-sobre-holocausto/a-56516297. Publicado em: 09 fev. 2021. Acesso: 02/12/2022.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta, 2010.

FANJUL, Sergio. Teorias conspiratórias do QAnon varrem o mundo e são mais perigosas do que parecem. In: **El País.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-12/teorias-conspiratorias-do-qanon-varrem-o-mundo-e-sao-mais-perigosa-do-que-parecem.html. Publicado em: 12 jan. 2021. Acesso em: 29/11/2022.

FARIA, Tales. Bolsonaro está convencido de que coronavírus é um plano do governo chinês.In: **Uol.** Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/tales-faria/2020/03/16/bolsonaro-esta-convencido-de-que-coronavirus-e-plano-do-governo-chines.htm. Publicado em: 16 mar. 2020. Acesso: 02/12/2022.

FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. In**: Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol 33, nº 69, p. 45-63, Janeiro-Abril 2020.

FRIEDRICH, Christof. **The Hitler we loved & why.** Virginia: Lyberty Bell Publicatinos, 2004.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GREEN, Richard J. Leuchter, Rudolf and the Iron Blues. In: **The Holocaust History Project.** Disponível em: <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/auschwitz/chemistry/blue/>. Publicado em: 31 dez. 1998. Acesso: 06/05/2021.

HOFSTADTER, Richard. The Paranoid Style in American Politics. **Harper's Magazine**. Edição de Outubro, p. 77-86, 1964.

IRVING, David. **Hitler's War***.* London: Hodder & Stoughton Ltd, 1977.

KONCHINSKI, Vinicius. Apontado como neonazista, pai da governadora interina

de SC nega holocausto. In: **Uol.** Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/30/o-pai-da-governadora-de-sc.htm. Publicado em: 30 out. 2020. Acesso: 02/12/2022.

LIPSTADT, Deborah. O que defendem os negacionistas do Holocausto, no centro de polêmica envolvendo Mark Zuckberg. In: **BBC News**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-44897985. Publicado em: 20 Jul. 2018. Acesso: 03/04/2021.

LIPSTADT, Deborah E. **Negação**. São Paulo: Universo dos Livros, 2017. Tradução de: Maurício Tamboni.

MARTELLO. Guedes diz que chinês inventou vírus da Covid e que vacina do país é 'menos efetiva' que a dos EUA. In: **G1.** Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/guedes-diz-que-chines-inventou-virus-da-covid-e-que-vacina-do-pais-e-menos-efetiva-que-a-dos-eua.ghtml. Publicado em: 27 abr. 2021. Acesso: 02/12/2022.

MAZUI, Guilherme. No Brasil, não existe racismo', diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado. In: **G1.** Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml. Publicado em: 20 nov. 2020. Acesso: 02/12/2022.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: **Novos combates pela história.** 1ª edição, São Paulo: Contexto, 2021. p. 85.

NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil.** São Paulo: Leya, 2009.

NETO, Odilon Caldeira. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. In: **Antíteses**, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, pp. 1097-1123.

PAXTON, R. O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POTTER, Hyury. Quem é o pai de governadora de SC, professor de história que negava holocausto. In: **BBC News.** Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54743832. Publicado em: 30 out. 2020. Acesso: 02/12/2022.

RAMBAUT; ANDERSEN; LIPKIN; HOLMES; GARRY. The proximal origino of SARS-Cov-2. In: **Nature Medicine,** VOL 26, April, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. Les fous et les sages – réflexions sur la fin de la présidence Trump. In: **AOC.** Disponível em: https://aoc.media/opinion/2021/01/13/les-fous-et-les-sages-reflexions-sur-la-fin-de-la-presidence-trump/. Publicado em: 14 jan. 2021. Acesso em: 28/03/2023.

REINEHR, Altair. Da casa do Papa à casa de Adolf Hitler. In: **Jornal Imagem**. Disponível em: http://www.oimagem.com.br/Mostra.asp?Id=1695. Publicado em: 09 nov. 2011. Acesso em: 04/05/2021.

REISMAN, George. Por que o nazismo era socialismo e por que o socialismo é totalitário. Disponível em: https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=98. Publicado em: 24 fev. 2014. Acesso: 02/12/2022.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história - os fundamentos da ciência

histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SPERB, Paulo. Governadora de SC se recusa a responder se concorda com ideias neonazistas e negacionistas sobre Holocausto. In: **Folha de São Paulo.** Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/governadora-de-sc-se-recusa-a-responder-se-concorda-com-ideias-neonazistas-e-negacionistas-sobre-holocausto.shtml. Publicado em: 28 out. 2020. Acesso: 02/12/2022.

SZABATURA, Taísa. O silêncio negacionista. In: **Isto é.** Disponível em: https://istoe.com.br/o-silencio-negacionista/. Publicado em: 30 out. 2020. Acesso: 02/12/2022.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**. Campinas, São Paulo, 1988.

YAMAGUTI, Bruna. Coronavírus infecta brasileiros com ignorância. In: **Sosimprensa.** Disponível em: https://sosimprensa.wordpress.com/2020/02/21/coronavirus-infecta-brasileiros-com-ignorancia/. Publicado em: 21 fev. 202º. Acesso: 02/12/2022.

Recebido em 05 de julho 2022.

Aprovado para publicação em 21 de janeiro de 2023.